

# Famílias em disputa usam órgãos públicos

*Para deputado, "maternidade foi transformada em comitê eleitoral"*

**B**OA VISTA — Os primeiros raios X da infecção política no hospital-materno revelam: a médica Celeste Vanderley, que cuida do berçário, é mulher do secretário-adjunto da Saúde, Ailton Vanderley, presidente do Conselho Regional de Medicina (CRM), que é irmão do deputado e médico Célio Vanderley (PPB), aliado do governador Neudo Ribeiro Campos e primo de Manoel Ribas Galvão, o sócio-gerente da Lucel, empresa que faz a limpeza da maternidade e do Hospital Geral de Roraima, sem ter alvará sanitário como exige a lei.

No outro front está o grupo da senadora Marluce Pinto (PMDB), mulher do prefeito eleito e ex-governador Otomar Pinto: a ex-diretora do hospital-materno, ex-deputada e médica Odete Domingues; a médica Sílvia Távora, mulher do deputado e médico Lúcio Távora, cotada para ser a próxima secretária municipal da Saúde; e as vereadoras eleitas Eugênia Glauci e Sonia Barcelar. "A maternidade foi transformada em comitê eleitoral", denunciou o deputado Edio Vieira (PPB).

Os quatro deputados da oposição ao governador Neudo Ribeiro Campos querem uma "CPI da morte no berçário". Mas não conseguiram nem pedir, na quarta-feira, por falta de luz no plenário. O grupo vai precisar de seis assinaturas para criá-la, mas só tem três — duas de dois deputados do PMDB e outra do deputado Chico Doido, sem partido, mas com processos na Justiça, suspeito de tráfico de droga.

"A culpa pela infecção hospitalar cabe aos médicos, que só querem ganhar dinheiro sem trabalhar", protesta uma terceira corrente defendida pelo

deputado Chico Guerra (PPB). Ele está a favor de trazer médicos de Cuba e do Peru, como na gestão do governador Ottomar Pinto.

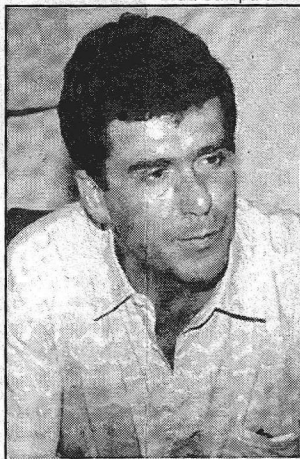
O Conselho Regional de Medicina deveria abrir uma sindicância. Tem tudo a ver com médicos e hospitais. Mas como esperar dele a necessária isenção se o seu presidente, Ailton Vanderley, é marido de uma médica do berçário e primo do proprietário da Lucel?

A ex-diretora do hospital-materno, Odete Domingues, foi internada com hipertensão na quinta-feira, quando falaria ao **Estado**. Depois de alertar por ofícios à Secretaria de Saúde que a empresa de limpeza Lucel não tinha competência, agora é cobrada pelo secretário Sérgio Pillon, "pelas providências que deveria ter tomado". Lavar as mãos à entrada do berçário ou do centro cirúrgico é um problema de chefia, não de terceirização da higiene geral.

"Em dois anos de administração, mantive a situação sob controle, mas agora ela eclodiu porque ninguém tomou as providências necessárias", declarou à imprensa. "O hospital-materno estava à beira do caos." E ao caos chegou. A

chuva prolongada de julho e agosto inundou Boa Vista. Esgotos refluíram.

Dida Sampaio/AE



*Pillon: contra-ataque*

endereço seja o da Rua Coronel Mota, 1.267, onde fica o consultório do médico e deputado Célio Wanderley. "A empresa já existia antes mesmo que eu fosse deputado", ele esclareceu na Assembleia. "Minha família tem várias empresas e não posso me responsabilizar por elas." Alguém que pode, como o advogado Paulo Afonso, rebateu as-

"A água e os micróbios invadiram até o berçário", lembra o médico e deputado federal Alceste Almeida (PPB/RR). Deu pane na máquina da lavanderia. A água sanitária usada não tinha a fórmula do anti-séptico eficaz. Era a pirateada QI BOA, não a original Q BOA.

A empresa Lucel lamentou o "infausto episódio" em nota oficial. Talvez só por coincidência o seu

sim a acusação de que há seis anos ela vem prestando serviço ilegalmente, sem alvará sanitário: "É obrigação da Secretaria de Saúde cobrar a habilitação da empresa, mas até hoje nunca recebemos uma notificação." Se não houve cobrança, "a falha não é da empresa". Ele nega também as acusações de superfaturamento. Mas para o senador Romero Jucá (PFL-

RR), não há dúvidas: "A Lucel foi contratada para atender escusos interesses político-partidário", envolvendo o

governador e o secretário da Saúde.

O deputado e médico Lúcio Távora, presidente da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa, afirmou ao **Estado** que "Odete também pediu recursos ao secretário da Saúde, Sérgio Pillon", em janeiro, para consertar "problemas de esgoto, hidráulicos e elétricos". Depois, em maio, "quis mudar o berçário, mas não recebeu verba". Ele reconhece, porém, que "não havia gerenciamento adequado dentro do hospital". E por ser do PMDB, "o PPB a podava", esperando que se demitisse.

"Foi o erro dela: não se demitir", conclui agora o deputado Távora. "Se se demitisse, não estaria sendo alvo de acusações, tendo ainda a respaldá-la os ofícios em que desde 1995 pedia providências." Em 14 de outubro, em pleno surto de infecção hospitalar, a médica Sílvia Távora, mulher do deputado, foi ao secretário Pillon. "Passaram-se dez dias, e nenhuma providência." A mãe de um bebê morto procurou o repórter Jessé Souza, da *Folha de Boa Vista*. Confundido com um índio, ele não teve problemas de entrar na maternidade para investigar. Estranhou a ocorrência de vários casos de septicemia em tão pouco tempo. E deu a primeira notícia.

Mesmo com a falta de médicos em Boa Vista, todo o grupo do PMDB do hospital-materno foi afastado. O secretário da Saúde Pillon não tem à sua mesa nenhum currículo de médico para aprovar: aceitou todos. E está disposto a pagar até R\$ 2.600 por mês em cada contrato. O próprio governador Neudo Ribeiro Campos já foi a São Paulo "buscar médicos". Mas a oposição diz que ele demorou 22 meses para visitar a maternidade. Só chegou na quinta-feira, mesmo assim até a entrada da diretoria, ao mesmo tempo em que morria a indiazinha ianomâmi salva pela mãe ao nascer gêmea numa tribo que mata gêmeos.

**E**MPRESA DE  
LIMPEZA  
NÃO  
TEM ALVARÁ  
SANITÁRIO  
EXIGIDO  
POR LEI